



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

IRENITA FERREIRA DOS REIS

**A PRÁTICA DE LEITURA COM CRIANÇAS SURDAS: DA REFLEXÃO TEÓRICA
AO DISCURSO DOCENTE**

**CAMPINA GRANDE
2015**

IRENITA FERREIRA DOS REIS

**A PRÁTICA DE LEITURA COM CRIANÇAS SURDAS: DA REFLEXÃO TEÓRICA
AO DISCURSO DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Esp. Christinne Ferreira
Silva Oliveira

**CAMPINA GRANDE
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R375p Reis, Irenita Ferreira dos
A prática de leitura com crianças surdas [manuscrito] : da
reflexão teórica ao discurso docente / Irenita Ferreira dos Reis. -
2015.
29 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Esp. Christinne Ferreira Silva Oliveira,
Departamento de Pedagogia".

1. Educação Especial 2. Surdos 3. Prática de Leitura 4.
Processo Ensino - Aprendizagem I. Título.

21. ed. CDD 371.912

IRENITA FERREIRA DOS REIS

A PRÁTICA DE LEITURA COM CRIANÇAS SURDAS: DA REFLEXÃO TEÓRICA AO DISCURSO DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profª. Esp. Christinne Ferreira Silva Oliveira

Aprovado em: 04/12/2015.

BANCA EXAMINADORA

Christinne Ferreira Silva Oliveira 9,5
Prof. Esp. Christinne Ferreira Silva Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Teresa Cristina Vasconcelos
Prof. Ms. Teresa Cristina Vasconcelos (examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Cristina Sales Cruz
Prof. Ms. Cristina Sales Cruz (examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Elaine, minha sobrinha e filha do coração, por ter me incentivado desde a inscrição do vestibular até o término do curso e ter acreditado no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, porque nele encontro forças para trilhar na trajetória da minha vida. É ele quem me sustenta e me abençoa em todos os momentos. Sem Ele eu nada seria.

À minha mãe (*in memoriam*), que sempre expressava o desejo de que um dia eu pudesse concluir um curso universitário.

À professora orientadora Chistinne Ferreira Silva Oliveira pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pelo seu profissionalismo e dedicação.

Aos professores do Curso de Pedagogia da UEPB, que contribuíram ao longo de cinco anos, por meio das disciplinas, para a minha formação.

À minha sobrinha Elaine Reis Laureano, pelo apoio, carinho e incentivo que me deu desde o momento da minha inscrição para o vestibular até hoje, tirando minhas dúvidas e compartilhando seus conhecimentos comigo.

A Erivam Laureano pelo apoio, pela amizade pela boa vontade de me buscar na rodoviária sempre que precisava estudar em João Pessoa.

À minha família, pela compreensão nos momentos em que precisei me ausentar, para participar dos eventos da universidade; ao esposo Evaldo, à minha filha Daniela, aos meus filhos Evaldo filho, André e Luan, que sempre expressaram satisfação por me ver estudando.

Aos meus netos João Pedro, Mayara Gabriela, Matheus e Eleninha, que nasceram dentro do período em que eu fazia o curso de Pedagogia e que me proporcionam muitas alegrias.

Às minhas noras Carla, Paloma e Betânia, pelos incentivos.

À minha amiga Vera, da Xerox de Epitácio que, por diversas vezes, me deu carona da UEPB até o meu trabalho, outras vezes até à minha casa, sempre com a simpatia que é própria do seu jeito de ser.

Aos meus irmãos e irmãs em Cristo, com quem pude contar com as orações, Alisson Quaresma, Suyan Quaresma, Socorro Cadete, Maria José, Ana Lígia, Luzia Cabral e tantos outros.

A José dos Santos (Juca), Secretário de Obras da cidade de São Sebastião de Lagoa de Roça, onde atualmente trabalho, por ter me liberado algumas vezes do trabalho, para que eu pudesse dar continuidade à minha pesquisa.

Aos meus amigos de trabalho, pelo incentivo e por compreenderem a minha necessidade quando tive que me ausentar do trabalho para estudar, em especial à minha amiga Ednólia que não mede esforços na hora de ajudar.

Aos funcionários da UEPB pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe, pelos momentos de amizade e apoio.

O contexto bilíngue da criança surda configura-se diante da coexistência da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa. No cenário nacional não basta simplesmente decidir se uma ou outra língua passará a fazer ou não parte do programa escolar, mas tornar possível a coexistência dessas línguas, reconhecendo-as de fato, atentando-se para as diferentes funções que apresentam no dia -a -dia da pessoa surda que se está formando.

Ronice Müller de Quadros e Magali L.P. Schmiedt

A PRÁTICA DE LEITURA COM CRIANÇAS SURDAS: DA REFLEXÃO TEÓRICA AO DISCURSO DOCENTE

Irenita Ferreira dos Reis*

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivos refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem da leitura em língua portuguesa para crianças surdas, traçar um percurso histórico e filosófico sobre a educação dos surdos, pensando o lugar da leitura em língua portuguesa para esse público e, por fim, descrever e examinar o posicionamento de professores dos anos iniciais do ensino fundamental frente ao trabalho com a leitura em língua portuguesa para crianças surdas. A pesquisa foi dividida em dois momentos: documental e estudo de caso. No primeiro momento, viu-se que conhecer a história da educação do surdo é importante, pois permite ao professor adequar sua prática e desenvolver metodologias que possam atender às necessidades dos surdos. No segundo momento, teve-se como informantes sete professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola de Audiocomunicação Demóstenes Cunha Lima. Utilizou-se um questionário com seis questões abertas e, após o exame das respostas das professoras, viu-se que o ensino de leitura para pessoas surdas passa pelas mesmas etapas que para pessoas ouvintes, mas o surdo só consegue evoluir nessa aprendizagem quando já está alfabetizado na língua de sinais. A dificuldade maior enfrentada pelas professoras é a falta de materiais visuais. Por fim, chegou-se à conclusão de que os professores que trabalham com alunos surdos precisam, além de dominar a língua de sinais e fazer uso dela em sala de aula, conhecer as especificidades dos surdos e desenvolver metodologias de trabalho com leitura em língua portuguesa na perspectiva de ensino de segunda língua.

Palavras-Chave: Surdos. Leitura. Ensino/aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Os sujeitos surdos brasileiros passaram a ser vistos com maior atenção pela sociedade, no Brasil, a partir da oficialização da Língua Brasileira de Sinais - Libras, através da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e da regulamentação da mesma pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Isso fez com que os surdos tivessem alguns direitos garantidos e passassem a cobrar das autoridades o que lhes cabe de direito.

Pensando na vivência do Surdo na sociedade brasileira, podemos perceber que ao longo da história eles ocuparam um lugar marginalizado. As pessoas Surdas eram vistas como deficientes, incapazes e até como loucos. Sobre estes sujeitos pairava a ideia da inutilidade e

* Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: iferreirareis@hotmail.com

da compaixão. Durante muito tempo acreditava-se que o surdo era um coitado, dependente e inferior aos ouvintes.

No entanto, com o passar do tempo, os surdos foram mostrando à sociedade que têm uma cultura própria centrada, principalmente, em sua forma de comunicação. Eles apreendem o mundo e compartilham valores utilizando uma comunicação espaço-visual, em substituição à audição e à fala.

Depois de tantos transtornos vivenciados no âmbito familiar, social e escolar, com as mudanças ocorridas, principalmente, na educação, os surdos passaram a frequentar as escolas e desenvolver sua escolarização. Atualmente, já existem surdos ocupando bancos nas universidades e conquistando seu diploma. Mas, para chegar a esse nível de escolarização, a pessoa surda teve que passar pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. E, em cada fase, conseqüentemente, desenvolvem habilidades e competências como os ouvintes.

Pensando nisso, passamos a questionar sobre como deve ser realizado o trabalho de leitura junto a crianças surdas. Será que segue o mesmo modelo e metodologias voltadas para os ouvintes, ou há particularidades a serem levadas em consideração para a concretização desse tipo de atividade para esses sujeitos?

Como futura pedagoga, e por estarmos em um contexto de inclusão no qual podemos nos deparar com crianças surdas em nossas salas de aula, sentimos a necessidade de conhecer mais de perto o universo do ensino e aprendizagem da leitura em língua portuguesa para surdos a fim de entender como acontece esse processo.

Sendo assim, julgamos necessário conhecer as particularidades do contexto histórico e filosófico da educação dos surdos e sua relação com a língua portuguesa. Além disso, acreditamos que seria necessário saber dos professores que já trabalham com crianças surdas como se dá o trabalho de leitura com esse público. Por isso, este trabalho está estruturado visando refletir sobre a problemática aqui levantada, com os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

Refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem da leitura em língua portuguesa para crianças surdas.

Objetivos específicos:

Traçar um percurso histórico e filosófico sobre a educação dos surdos, pensando o lugar da leitura em língua portuguesa para esse público;

Descrever e examinar o posicionamento de professores dos anos iniciais do ensino fundamental frente ao trabalho com a leitura em língua portuguesa para crianças surdas.

Como aporte teórico, utilizamos Botelho (2004), Lodi (2004 e 2012), Pereira (2002), Salles (2004) e outros pesquisadores que estudam o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita com surdos. A pesquisa foi realizada junto a professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola de Áudio Comunicação Demóstenes Cunha Lima (EDAC), situada na cidade de Campina Grande-PB.

De acordo com o referencial teórico que embasou essa pesquisa, apresentamos a análise dos dados obtidos por meio de um questionário que foi entregue a cada uma das sete professoras do turno da tarde (período em que funciona o Ensino fundamental I) a fim de examinar o posicionamento das mesmas em relação à prática da leitura em língua portuguesa para crianças surdas.

2 EDUCAÇÃO DE SURDOS: CONTEXTO HISTÓRICO E FILOSÓFICO

Os relatos a respeito da história da educação dos surdos, na sua grande maioria, foram delineados por ouvintes e poucas vezes narrados por surdos. Logo, no decorrer de um longo período, a educação dos surdos não foi contada por seus principais atores: os surdos, que ocupam papéis de coadjuvantes de sua própria história.

Isso fez com que, na maioria das vezes, prevalecesse a compreensão dos ouvintes sobre o que era ser surdo e como esse sujeito deveria ser educado. Sendo assim, permaneceu durante muito tempo a ideia de que o surdo não precisava receber educação formal, ou quando tinha acesso a essa atividade a vivenciava numa perspectiva ouvintista de oralização.

Os primeiros relatos envolvendo a história de educação para surdos surgiram há 400 anos. A sociedade tinha uma ideia bastante negativa sobre o surdo. Naquela época, esses sujeitos eram tratados como pessoas deficientes e excluídas da sociedade, chegando a serem colocados em asilos, sem direito à educação e nem mesmo à comunicação.

Na antiguidade a sociedade considerava que a surdez era consequência de castigos determinados pelos deuses. Devido à ignorância existente na época, os surdos eram abandonados, outras vezes sacrificados e considerados primitivos, julgados como incapazes de aprender e desprovidos da capacidade de falar. Eles eram vistos ainda como seres que não eram humanos, simplesmente por não se comunicarem de forma oral, motivo pelo qual se acreditava que não deveriam ser educados.

Faz-se necessário compreendermos os processos educacionais que perpassaram a educação de surdos, até se configurar na perspectiva atual. As filosofias educacionais da educação de surdos constituem-se em três perspectivas: o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo.

2.1 O Oralismo

O Oralismo foi adotado no mundo, a partir do Congresso de Milão, que ocorreu em 1880, onde os participantes, em sua grande maioria, eram ouvintes e votaram pela utilização dessa corrente filosófica na educação de surdos de todo o mundo. A oralização (uso da fala) deveria ser nessa época o único meio de comunicação entre os surdos e estava proibido o uso da língua de sinais.

Dessa forma, o processo educativo das pessoas surdas acontecia através do uso de práticas que não valorizavam suas especificidades, ocorrendo assim, a minimização da aprendizagem desses sujeitos. Segundo Goldfeld (2001, p.31), “a filosofia oralista contribuiu com muitos retrocessos na educação de surdos, isto porque, percebia a surdez como uma deficiência que deveria ser curada através de estimulação auditiva”.

Já Karin Strobel (2006) faz uma crítica às práticas ouvintistas dizendo: “durante cem anos, os surdos ficaram a mercê das práticas ouvintistas, tendo que abandonar sua cultura e identidade Surda, sendo obrigados a parecer com os ouvintes”. Por um longo período de tempo, e ainda nos nossos dias, algumas escolas insistem em utilizar o método da oralização com os alunos surdos, baseadas no discurso de que dessa forma eles irão aprender a falar e assim poderão melhor se integrar na sociedade ouvinte.

Considerados como deficientes auditivos, os alunos surdos eram submetidos a condições de treinamento para ouvir e falar, na perspectiva de que dessa forma seria possível torná-los menos deficientes e mais próximos dos indivíduos considerados “normais”.

A concepção oralista, tinha como foco a reparação da surdez. Nessa perspectiva os professores realizavam as aulas utilizando-se da fala, e os alunos deveriam fazer a leitura facial e labial, e dessa forma reproduzir o que lhes era ensinado.

Depois de muitos anos em prática, os pesquisadores observaram que essa corrente não estava favorecendo avanços na educação de surdos. Passou-se então a se pensar em outro tipo de filosofia educacional para os surdos. Chegava ao fim cem anos de sofrimento e tormento para os referidos sujeitos. A partir de então buscou-se adotar as ideias da Comunicação Total.

2.2 Comunicação total

A oralidade, gestos, leitura oro-facial, o alfabeto manual e a escrita eram estratégias usadas para proporcionar a comunicação entre os surdos. O principal objetivo dessa corrente filosófica era promover comunicação e interação entre surdos e ouvintes. A fala não era algo tão importante, mas sim a competência comunicativa. Mas, observou-se que ainda não estava havendo avanços educacionais dos surdos no que diz respeito à aprendizagem dos conteúdos. Logo, procurou-se respaldo em outro tipo de filosofia educacional.

2.3 Bilinguismo

Por volta da década de 1980 e 1990 aparece o Bilinguismo, que passa a fazer parte da educação dos surdos. Trata-se de uma proposta de ensino que preconiza o acesso a duas línguas no contexto escolar, considerando a Língua de Sinais como língua natural – L1 e a Língua Portuguesa como segunda língua – L2.

No Bilinguismo a Língua de Sinais é considerada a língua que o surdo pode dominar plenamente e através dela adquirir vários conhecimentos, uma vez que ela aborda vários aspectos, sejam eles cognitivos, comunicativos e outros (GOLDFELD, 2001).

Vários avanços já puderam ser detectados na educação de surdos que segue o bilinguismo. Um deles é o desenvolvimento educacional de alguns surdos que já conseguiram chegar às universidades e até fazer pós-graduação.

Todavia, nesses últimos anos, observou-se também mudanças na concepção de surdez, deixando o estereótipo de deficiência (Concepção Clínico Patológica /Clínico Terapêutica) e passando a ser concebida como diferença (Concepção Socioantropológica). A forma de acesso ao mundo para os surdos acontece pela visão, em vez da audição. Com isso, é dada ênfase à língua de sinais, que por ser gestual- visual, é facilmente adquirida pelos surdos em contato com outros surdos.

Essas mudanças, tanto na corrente filosófica que conduz a educação de surdos quanto na concepção de surdez, geraram mudanças na forma de ver o sujeito surdo, agora não mais como deficiente e sim como diferente.

Isso tem sido bastante significativo para a educação dos surdos, pois através desses movimentos alcançaram conquistas como a oficialização da Libras pela lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, a regulamentação da mesma pelo decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e a aprovação da Lei federal nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que prevê a formação de intérprete de língua de sinais para possibilitar aos surdos acesso à informação.

Ultimamente, os surdos vêm conquistando, cada vez mais, espaços na sociedade sendo reconhecidos como normais e tendo seus direitos respeitados. Principalmente, o direito à educação.

3. CONCEPÇÕES DE LEITURA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Tradicionalmente, o conceito de leitura está relacionado ao ato de decifrar códigos impressos e decodificar textos. No entanto, tal concepção tem sido alvo de críticas, por se configurar como forma limitada de leitura. Hoje, um novo olhar para essa atividade define a leitura como um “processo de interpretação que o indivíduo faz do seu contexto social, histórico e cultural” (SALLES, 2004, p. 19).

Sendo assim, o ato de ler corresponde ao processo de apreensão da realidade que cerca o indivíduo, através da interpretação das variadas linguagens. Logo, a leitura passa a ser entendida a partir de uma amplitude maior.

Partindo dessa perspectiva, entendemos que essa concepção de leitura deva abranger não só os ouvintes, mas também os surdos, já que o sujeito surdo precisa ser inserido nesse contexto de leitor que compartilha experiências ricas através da leitura. Para tanto, é preciso levar em consideração que a utilização dos procedimentos metodológicos ocorra de forma diferenciada quando se tratar da aquisição da modalidade escrita da língua portuguesa pelos alunos surdos.

Para Garcez (2001), a leitura é uma produção de sentidos formados no contexto de interação recíproca entre autor e leitor via texto, os quais se expressam diferentemente, de acordo com a subjetividade do leitor: seus conhecimentos, suas experiências e seus valores. Nas palavras do autor, a leitura “é um trabalho que envolve signos, frases, sentenças, argumentos, provas formais e informais, objetivos, intenções, ações e motivações, envolve especificamente elementos da linguagem, mas também os da experiência de vida dos indivíduos” (GARCEZ, 2001, p.21).

A leitura tem um papel importante na vida de todos os sujeitos, pois, através dessa atividade podemos enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Além disso, através dos registros escritos descobrimos e apreendemos culturas, histórias e hábitos diferentes. Compreendemos a realidade, o sentido real das idéias, vivências, sonhos, e muito mais.

Ainda segundo Garcez (2001, p. 24), “a leitura exerce várias funções, dentre elas a de divertir”, que acontece de forma espontânea, e outras que exigem do sujeito processos mentais

mais elaborados, que consistem em buscar no subconsciente o conhecimento anterior sobre o assunto que nesse conhecimento prévio estão envolvidos a língua, os gêneros e os tipos textuais e o assunto. Os processos de leitura segundo Solé (1998) são:

Bottom-up ou ascendente – parte da menor unidade para a maior para chegar ao significado. O significado é construído pelo processo de análise e síntese das partes presentes no texto.

Top down ou descendente – o conhecimento prévio e sua interação no processo de leitura e compreensão do texto são enfatizados, sendo usados poucos detalhes do texto para construir o significado. Os elementos do texto são integrados da maior para a menor unidade. Esse processamento é responsável pela formulação de hipóteses de acordo com as expectativas do leitor, seu conhecimento prévio e o contexto.

Processo interativo – ambos os tipos de processamento interrelacionam-se no processo de acesso ao sentido do texto. As diversas modalidades de conhecimento (linguístico, textual e de mundo) têm igual importância na compreensão da leitura. Leitores menos proficientes tendem a privilegiar ou superestimar determinado tipo de leitura, acarretando falhas na compreensão.

A linguagem escrita será adquirida pela criança, quando ela tiver conhecimento e contato com textos variados de crescente nível de contextualização. Assim, quando a criança manifestar interesse por determinado tipo textual o professor poderá dar explicações referentes à utilização do mesmo e a que suporte ele pertence. Com isso, tanto a leitura quanto a escrita terá significado, por ela já conhecer a utilidade daquele tipo de texto.

Svartholm (1994) comenta que as crianças surdas, como as ouvintes, devem ser expostas desde a pré-escola à literatura infantil. Além disso, é preciso fazer leitura de livros e revistas com as mesmas, não para atender a propósitos educacionais, mas para conduzi-las à realização de uma atividade agradável, excitante e que satisfaz a sua curiosidade. Através da leitura, a criança surda estará bem preparada para o ensino posterior da segunda língua, a língua portuguesa escrita.

Já foi comprovado por alguns estudiosos e pesquisadores da área de linguística que a língua de sinais possui as mesmas funções que as línguas orais desempenham para os seus usuários. É através da Língua de Sinais que os textos são interpretados e tornam-se significativos para os alunos surdos. A língua portuguesa escrita propicia aos surdos a constituição de conhecimento de mundo e da língua que vai ser usada na escrita, tornando possível aos mesmos entender o significado do que lêem, deixando de ser meros decodificadores da escrita. Assim, a interação se dará através da Língua de Sinais. Por meio dela, deve-se mostrar ao aluno surdo que a língua escrita realmente significa algo.

Lane, Hoffmeister e Bahan (1996) ao discutirem a questão do desenvolvimento da leitura e da escrita em crianças surdas, explicam que, como todas as crianças, também as surdas necessitam de conhecimento de mundo, de modo que possam dar sentido ao que está sendo lido e escrito para, assim, compreender os textos.

Para que as crianças surdas leiam além do nível de decodificação, elas devem conhecer a língua na qual o texto é apresentado, como também ter conhecimento de mundo, pois é esse conhecimento que ajuda os alunos a criarem expectativas e hipóteses sobre os significados dos textos, além de abstraírem significado de passagens de textos e não apenas de vocábulos isolados. Permite também lembrar o que leram. Esse é um processo que é ajudado pela integração de informação nova àquilo que já sabem.

A família pode contribuir com o desenvolvimento da leitura e da escrita das crianças, sejam elas ouvintes ou surdas, pois o conhecimento que as crianças trazem para os textos inclui histórias que são passadas através das gerações, assim como acontecimentos do dia-a-dia, regras e valores culturais.

Pereira (2000) e Lodi (2004) afirmam que muitos professores acabam privilegiando o ensino da leitura como decodificação, e não a leitura como compreensão. Isto porque não acreditam que pessoas surdas possam refletir sobre várias coisas.

Portanto, enquanto o aluno surdo for visto como um ser incapaz de fazer uma leitura e compreendê-la, ele continuará a ser exposto a vocábulos descontextualizados, a textos empobrecidos e, conseqüentemente, a leitura não será vista como uma tarefa possível para esse sujeito.

.4 ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA CRIANÇAS SURDAS

É comum ouvir falar sobre as dificuldades apresentadas pelos alunos surdos no que diz respeito à aquisição da língua portuguesa. Muitas vezes, os surdos são alvo de discriminação não só pelo fato de não falar, mas também por não conseguirem escrever e ler “corretamente” o português.

Na verdade, o que ocorre é que as pessoas, na maioria das vezes, criticam o que não conhecem. Assim como os ouvintes, os alunos surdos têm capacidades cognitivas para aprender a língua portuguesa, desde que se busquem metodologias adequadas para isso. O que ocorre é que, ao iniciarem a vida escolar, os surdos não dispõem dos mesmos recursos linguísticos que os ouvintes.

Na maioria das vezes, são eles filhos de pais ouvintes que não sabem a língua de sinais, ficando o aprendizado do surdo limitado a fragmentos da língua portuguesa oral utilizada pela família. Grande parte dessas crianças é submetida ao uso de aparelho fonador para atender às expectativas dos pais de que seus filhos tornem-se ouvinte. No entanto, quando os pais se conscientizam do que é mais favorável para os seus filhos, é que eles são inseridos na escola bilíngue naturalmente numa faixa etária bem maior que a prevista para entrada da criança no contexto escolar.

É evidente que as pessoas surdas enfrentam dificuldades singulares no que se refere à construção do conhecimento, sobretudo no que diz respeito à aquisição da língua portuguesa, em virtude das consequências que a surdez naturalmente suscita. Isso culmina com uma frequência indesejável de experiências pedagógicas para os indivíduos surdos e prejuízo para seu desenvolvimento no processo escolar.

Desde o nascimento, a criança ouvinte é colocada em contato direto com os adultos em uma relação peculiar que possibilita seu contato com a realidade. Ou seja, normalmente, as crianças são mediadas pelos adultos. Para Pino (2005), nessas relações ocorre o que ele denomina de “desenvolvimento cultural.” Isto é, “uma espécie de transposição coletiva para o indivíduo, transposição que tem lugar ao longo da existência do indivíduo pela conversão, das funções sociais em funções pessoais” (PINO, 2005, p.50).

Tais relações são mais complicadas e difíceis de ocorrer com a criança surda quando é filha de pais ouvintes, o que acontece na maioria dos casos. Logo, os surdos já perdem, desde a infância, esse contato direto com o universo cultural mediado pelos adultos que os cercam mais imediatamente, que são os pais e familiares. Isso acaba afetando o processo de aprendizagem desse sujeito, especialmente no que diz respeito aos bens culturais da cultura ouvinte, como é o caso da aquisição da língua portuguesa.

Diversos estudos mostram que, normalmente, quanto mais uma criança tem contato com bens culturais, a exemplo dos livros, mais facilmente ela se desenvolve no processo de aquisição da leitura e da escrita de uma língua. Em virtude disso, quanto mais acesso aos livros e aos textos, as crianças terão mais habilidades, autonomia e deleite em buscar a leitura como fonte de prazer e aprimoramento de seu conhecimento.

Em se tratando da criança surda, fica bem mais evidente a dificuldade ao acesso do conhecimento através da leitura e da escrita na língua portuguesa, por se tratar de uma língua que, embora sendo a língua materna de seu país, constitui-se para ela como uma língua estrangeira. Assim, antes de tudo, é preciso levar em consideração que a língua natural dos

surdos é a Libras, que é diferente da língua portuguesa, sendo uma de modalidade espacial-visual e a outra oral-auditiva. Logo, essas duas línguas apresentam estruturas diferentes.

Segundo o que afirma Botelho (2002), as dificuldades de aprendizagem das pessoas surdas não são decorrentes de limitações cognitivas, uma vez que uma criança surda é dotada de todo aparato cognitivo constitutivo da faculdade de linguagem, da mesma forma que a criança ouvinte. Portanto, para que haja um desenvolvimento desse potencial do indivíduo surdo, é preciso desenvolver estratégias específicas de ensino que favoreçam seu aprendizado.

Durante muito tempo, o ensino da língua portuguesa para surdos se deu através do “método analítico, que tem como objetivo fornecer aos alunos estruturas frasais, orais e escritas, simples e complexas, que deverão ser treinadas visando ao seu aprendizado” (Secretaria Municipal de Educação, 2007, p, 15).

Entretanto, esse método foi e tem sido criticado por muitos educadores e pesquisadores, pela sua ineficiência no ensino da língua portuguesa, tanto para alunos surdos quanto para alunos ouvintes. Ao utilizarem esse método observava-se que era como se os alunos aprendessem mecanicamente a língua de fora para dentro, sem conseguirem fazer uma reflexão sobre seu funcionamento. Nessa perspectiva, o ensino da língua portuguesa termina não tendo sentido para os educandos.

Por muito tempo, com base na concepção da língua como um código ou um conjunto de regras que responde pela organização dos sons das palavras e das estruturas frasais, subentendia-se que os alunos, por terem o conhecimento das regras da língua sabiam usá-las adequadamente.

A partir desse pensamento, era comum o professor iniciar o ensino de palavras e prosseguir utilizando essas palavras em estruturas frasais partindo do simples para o mais complexo na expectativa na memorização dessas estruturas. Essa metodologia não teve resultado satisfatório nem para os alunos ouvintes que, contavam com a língua portuguesa na modalidade oral, e nem para os surdos que tiveram dificuldades bastante acentuadas na leitura e na escrita. De acordo com Solé (1998),

[...] para que uma pessoa se envolva com atividade de leitura, e necessário que se sinta capaz de ler e compreender o texto que tem nas mãos de forma autônoma ou contando com a ajuda de uma pessoa mais experiente, caso contrário o que poderia ser um prazer pode provocar desânimo, desmotivação e abandono da tarefa. (SOLÉ, 1998, p 22.)

A leitura é um processo complexo. Ao fazer uma leitura, o aluno, “além de lidar com a capacidade simbólica da palavra, lida também com a habilidade de interação oferecida pela

mesma, envolvendo elementos específicos da linguagem e da experiência de vida dos indivíduos”, (GARCEZ, 2001, p.21).

O aluno traz para a leitura sua experiência discursiva seja ela oral ou gestual que inclui a sua relação com todas as formas de linguagem.

A língua de sinais preenche as mesmas funções que a linguagem falada tem para os ouvintes. Como ocorre com crianças ouvintes, espera-se que a língua de sinais seja adquirida na interação com usuários fluentes da mesma, os quais, envolvendo as crianças surdas em práticas discursivas e interpretando os enunciados produzidos por elas, insiram-se no funcionamento dessa língua. (PEREIRA, 2000)

A língua de sinais vai permitir ao aluno surdo a participação nas conversas, como também das leituras ou histórias feitas pelo professor que, ao mesmo tempo que lê o texto, faz a interpretação em língua de sinais a fim de que o aluno perceba que se trata de duas línguas, o que deve ser ressaltado pelo professor.

Sendo assim, para que a criança surda seja inserida no universo cultural da língua portuguesa, é necessário que se busque aparato em sua língua materna, que no caso é a língua de sinais. O trabalho com a leitura e com a escrita pode ganhar mais sentido para os surdos, através da língua de sinais.

A partir da língua de sinais, o professor pode trabalhar com os diversificados gêneros textuais de forma interdisciplinar, utilizando metodologias facilitadoras para apreensão e compreensão da leitura e, com isso, estimular a prática de leitura por parte do aluno surdo. Logo, a língua portuguesa, em sua modalidade escrita, funciona para os surdos como segunda língua e é natural que, no momento da escrita do português, os alunos surdos sejam influenciados pela estrutura de sua língua natural.

Com isso, vemos que o maior desafio do ensino e aprendizado da língua portuguesa, em sua modalidade escrita, para alunos surdos diz respeito à superação de metodologias inadequadas que, muitas vezes, não atendem mais nem às necessidades pedagógicas dos alunos ouvintes.

A partir do momento em que os professores buscam adequar sua prática pedagógica às necessidades dos surdos, procurando metodologias que contemplem o universo visual desses alunos, vê-se que há um salto qualitativo na aprendizagem desses alunos.

Diante disso, cabe ao professor criar estratégias de ensino de português como segunda língua, utilizar bastante recursos visuais, fazer adaptações de atividades libras/português, trabalhar diferentes gêneros textuais e, sobretudo, levar os alunos surdos a se sentirem motivados para ler e escrever na língua portuguesa.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS NA PESQUISA

Para a realização da pesquisa, inicialmente, buscamos definir o campo de pesquisa. Por já ter cursado a disciplina de Língua de Sinais Brasileira-Libras na universidade e ter feito outros cursos de Libras pela Associação de Surdos de Campina Grande, obtivemos vários conhecimentos sobre essa área, despertando o interesse em realizar a pesquisa na escola bilíngue para surdos de Campina Grande, que é a Escola de Audiocomunicação Demostenes Cunha Lima (EDAC).

Sendo assim, pensamos em pesquisar algo que fosse útil profissionalmente no sentido de enriquecer nossa experiência docente, tendo em vista que, devido à inclusão, poderemos ter alunos surdos na sala de aula. Diante dessa situação, ficamos curiosas em saber dos professores de crianças surdas como ocorria o processo de ensino e aprendizagem de leitura desses alunos. Assim, a pesquisa foi realizada junto aos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental da escola mencionada para a realização da pesquisa.

Foi entregue um questionário (ver apêndice), contendo seis questões abertas, a cada uma das sete professoras do turno tarde (período em que funcionam os anos iniciais do Ensino Fundamental) a fim de examinar o posicionamento das mesmas em relação ao trabalho com a leitura em língua portuguesa para crianças surdas.

Das sete, apenas três professoras devolveram o questionário e, com base nas respostas fornecidas, buscamos cumprir com um dos objetivos deste trabalho que é descrever e examinar o posicionamento de professores dos anos iniciais do ensino fundamental frente ao trabalho com a leitura em língua portuguesa para crianças surdas.

Esse estudo metodologicamente segue os pressupostos de uma pesquisa qualitativa, por levar em consideração o sujeito, a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade, que, segundo Vasconcellos (2002), traz em sua base epistemológica a contradição, a desordem e a incerteza. Nas palavras do autor, esse paradigma de ciência compreende:

a complexidade, como forma complexa de pensar: o problema da contradição ou o problema lógico. O problema da desordem será abordado no eixo epistemológico da instabilidade. E o problema da incerteza, no eixo epistemológico da intersubjetividade, ou da impossibilidade da objetividade (VASCONCELLOS, 2002, p. 109).

Dessa forma, compreendemos que nesse tipo de pesquisa foge-se do modelo tradicional que se pautava na objetividade positivista e arrisca-se na incerteza das múltiplas possibilidades apresentadas pelo objeto de pesquisa, bem como do campo de obtenção dos

dados, conforme nos deparamos com a dificuldade da participação dos informantes da pesquisa, no caso as professoras dos anos iniciais do ensino fundamental da Escola de Audiocomunicação.

No tocante às fontes de informação, no primeiro momento, trata-se de uma pesquisa documental por partir de “uma informação organizada sistematicamente, comunicada de diferentes maneiras (oral, escrita, visual ou gestualmente) e registrada em material durável” (GONÇALVES, 2003, p.32), tendo em vista que partiu de informações de documentos teóricos que tratam da história da educação dos surdos, bem como do processo de aquisição da leitura em língua portuguesa por sujeitos surdos.

No segundo momento, trata-se de um Estudo de caso, ou seja, “o estudo descritivo de uma unidade, uma escola, um professor, um aluno ou uma sala de aula” (ANDRÉ, 1995, p.30), por contemplar particularidades de um grupo ou comunidade, no caso, dos professores da escola bilíngue para surdos.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES: O QUE DIZEM OS PROFESSORES SOBRE O TRABALHO COM A LEITURA JUNTO A CRIANÇAS SURDAS?

A primeira coisa que procuramos observar junto aos professores foi sua formação acadêmica, pois acreditamos que poderá nos mostrar o perfil profissional dos professores que estão trabalhando com as crianças surdas na escola bilíngue, e se tiveram algum tipo de preparação específica para trabalhar com esse público.

Embora as demais professoras não tenham devolvido os questionários, em conversa com as mesmas na escola nos foi informado que, com exceção de uma (formada em Letras Libras), as demais são pedagogas com habilitação em educação de surdos. Muitas têm especialização e apenas uma tem mestrado. Isso nos leva a crer que se trata de um quadro de professores preparados (pensando na formação inicial) para trabalhar com crianças surdas.

Ao questionar sobre o que é leitura para cada uma delas, obtivemos respostas como a exemplificada a seguir: “Ex 1[†]- Leitura primeiramente é o ato de ler algo, e é através dessa leitura realizada que interpreto as informações contidas no que estou lendo possibilitando o aumento do conhecimento. É uma atividade eminentemente social, contribui para inserção social” (PROFESSORA EDAC).

[†] As respostas das professoras foram citadas como exemplos enumerados em ordem crescente e identificadas como “PROFESSORA EDAC”.

No geral, as professoras responderam que a leitura é o ato de ler algo, codificar e decodificar as palavras, e que é através da leitura realizada que o aluno interpreta as informações contidas do que está sendo lido, possibilitando o aumento do conhecimento. Além disso, a leitura foi vista como uma atividade eminentemente social, que contribui para inserção social.

Ao compreender a importância da leitura, os professores buscam a melhor estratégia no intuito de torná-la efetiva para os alunos, de maneira que além de aprenderem a decodificar, os mesmos apreendam os significados e, assim, possam interagir com o texto de forma compreensiva. A leitura é um processo “que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1989, p.9).

Sendo assim, podemos observar nas respostas das professoras que as mesmas têm se embasado em conhecimentos que as fazem entender a leitura numa amplitude maior, na perspectiva de atingir seus objetivos frente aos alunos, possibilitando inserí-los no mundo leitor.

Ao perguntar como costumam trabalhar as atividades de leitura em língua portuguesa com as crianças surdas, as professoras afirmaram unanimemente, que o estudo da língua portuguesa é efetuado com metodologia de segunda língua e na sua modalidade escrita, utilizando a priori a língua materna do surdo, no caso do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais- Libras.

Para tanto, as professoras costumam trabalhar com textos que tenham muitas ilustrações, sempre pedindo para os alunos observarem nos textos figuras, pinturas, ilustrações, dando ênfase aos recursos visuais para que os alunos compreendam a leitura do texto. Vejamos outro exemplo:

Ex. 2- O estudo da língua portuguesa é efetuado com metodologia de segunda língua e na sua modalidade escrita. - Utilizando a língua portuguesa como segunda língua do surdo e dando base a partir da Libras (...), procuro dar ênfase aos recursos visuais para que os alunos compreendam a leitura do texto.” (PROFESSORA EDAC)

Os procedimentos utilizados pelas professoras no trabalho de leitura com os alunos surdos configuram-se, como fator fundamental para a aprendizagem da leitura, pelo fato de ser imprescindível considerar a importância da língua de sinais como um instrumento no ensino do português como L2. Observamos que, ao ensinar a língua portuguesa, é necessário situar o aluno dentro de um contexto, partindo sempre que possível de sua língua materna. Isso porque é a partir da língua de sinais que o surdo faz a “leitura de mundo para depois fazer

a leitura da palavra” (FREIRE, 1982, p.20) na língua portuguesa, reconhecendo assim, que “a língua de sinais deverá ser sempre contemplada como língua por excelência de instrução em qualquer disciplina, especialmente na língua portuguesa, o que coloca o processo de ensino e aprendizagem numa perspectiva bilíngüe” (SALLES, 2004, p.21).

Perguntamos quais as condições necessárias para a realização da leitura em Língua portuguesa por crianças surdas e as professoras apontaram a necessidade da criança desde cedo estar inserida num ambiente bilíngüe que leve em consideração as peculiaridades da língua de sinais. Segundo as professoras, antes de qualquer trabalho com a língua portuguesa, é necessário que a criança aprenda primeiramente a sua língua natural (Libras). Observemos as palavras das professoras, através do próximo exemplo:

Ex.3- Antes de qualquer trabalho de leitura em língua portuguesa, é necessário que a criança aprenda primeiro sua língua natural (Libras). A mesma é de fundamental importância para o seu desenvolvimento. É necessário que a criança esteja inserida em um ambiente bilíngüe que leve em consideração as peculiaridades da língua de sinais que é a língua materna do surdo (PROFESSORA EDAC).

Como anteriormente já mencionamos, estratégias metodológicas precisam ser postas em prática para que os alunos compreendam, e tenham prazer na leitura e possam ser inseridos no mundo leitor. Se o aluno fizer parte de um ambiente bilíngüe, seu aprendizado na sua língua vai acontecer mais rapidamente, até mesmo pela interação e o convívio com professores e alunos que já dominam essa modalidade, uma vez que o conhecimento prévio auxilia na compreensão da leitura.

No caso das professoras em questão, todas têm habilidade com a Libras, facilitando a comunicação com seus alunos. Além disso, uma série de fatores pode contribuir, como por exemplo, um bom acervo de livros e textos que possam ser manuseados pelos alunos e que no seu conteúdo contemple tanto a escrita em português como escrita em língua de sinais.

Questionamos as educadoras, para sabermos, como se dá a relação entre a leitura em língua portuguesa e a LIBRAS. Todas responderam que essa relação se dá através da negociação de sentidos entre as duas línguas, a partir do momento em que a criança começa a compreender, reconhecer e fazer a diferenciação entre as estruturas das duas línguas envolvidas. Vejamos mais um exemplo:

Ex.4- Essa relação se dá, a partir do momento em que a criança começa a estabelecer formas de compreensão através das estratégias trabalhadas em sala de aula, com o intuito de que a criança compreenda e /ou reconheça a diferença entre a leitura e a estrutura da libras e do português (PROFESSORA EDAC).

Vemos que o trabalho de leitura voltado para o aluno surdo é uma tarefa complexa, pois exige do professor o conhecimento profundo da estrutura de ambas as línguas, para que possa fazer, sempre que necessário, a comparação contrastiva dessas línguas, a fim de levar o surdo a compreender e fazer das mesmas.

Por fim, pedimos, através do questionário, para as professoras apontarem os limites, os desafios e as possibilidades do trabalho com leitura para crianças surdas. Nas respostas, vimos que algumas questões, até mesmo de ordem política, dificultam a eficácia do trabalho da escola.

As professoras apontaram a falta de capacitação de alguns professores que são enviados para a escola, mesmo sem saber a Língua de sinais, o que dificulta a aprendizagem dos alunos. Também destacaram a escassez dos recursos materiais visuais e tecnológicos, assim como a inserção tardia dos alunos na escola bilíngue e no convívio com a comunidade surda.

Nas palavras das professoras, tem-se: “Ex.5- Uma questão é a capacitação dos profissionais que atuam com criança surda, alguns professores não sabem Libras o que dificulta a aprendizagem (...) falta de material visual, inserção tardia do surdo no mundo da comunidade surda”. (PROFESSORA EDAC)

Diante de tais desafios, surge a necessidade dos professores criarem estratégias de leitura utilizando os recursos visuais que lhes dão suporte para desenvolverem junto aos alunos um trabalho de leitura significativo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências relatadas e registradas ao longo desse trabalho foram de fundamental importância para nós, como estudante do curso de pedagogia, pois o que nos inquietava com relação à problemática que permeia o processo de ensino aprendizagem de leitura para criança surda foi esclarecida por profissionais da área, nos favoreceu um maior amadurecimento teórico, prático, profissional e também pessoal.

No decorrer desse trabalho, tivemos a oportunidade de refletir sobre como ocorre o processo de ensino e aprendizagem da leitura para criança surda, levando em consideração o contexto histórico e filosófico da educação dos surdos.

Diante disso, entendemos que a melhor forma de levar o surdo a se apropriar da prática da leitura em Língua portuguesa é valorizar e tomar como base sua língua materna(L1), no caso do Brasil, a Libras, entendendo que o domínio da L1 por parte do aluno surdo é um fator relevante para a aquisição da leitura em português, que se configura para esses sujeitos, como uma segunda língua.

Com o estudo aqui desenvolvido, vimos que conhecer a história da educação do surdo é importante, para o professor, ele pode assim permite adequar sua pratica e desenvolver metodologias que possam atender às necessidades dos surdos.

O contexto histórico mostra que a oralização (uso da fala) teve presente um longo tempo na educação de surdos. Os surdos eram forçados a oralizar e fazer leitura labial. Era trabalhado a repetição das palavras do texto, sem se preocupar na construção de sentidos.

Em decorrência da luta dos surdos, à língua de sinais foi reconhecida como língua oficial da comunidade surda. Isso fez com que novas perspectivas surgissem no campo educacional para esses sujeitos.

Sendo assim, percebemos que é imprescindível que os professores que trabalham com alunos surdos não só conheçam, como também tenham domínio da Libras para que o trabalho pedagógico flua em sala de aula. Isso fará com que habilidades, a exemplo da prática da leitura em língua portuguesa, sejam desenvolvidas pelo aluno surdo.

Através dos relatos das professoras, pudemos perceber que as mesmas reconhecem a necessidade do professor de crianças surdas fazer uso da Libras para trabalhar a leitura em língua portuguesa como uma segunda língua e, além disso, utilizar recursos visuais.

Embora constatando que a maioria das professoras da Escola de Audiocomunicação tenha apresentado resistência em responder ao questionário, instrumento de nossa pesquisa, acreditamos que a equipe de professoras que trabalha com as séries iniciais seja um grupo que

conhece as especificidades do trabalho da leitura em língua portuguesa como uma segunda língua para os surdos e tem propriedade para desenvolver um trabalho significativo de leitura junto às crianças surdas.

Diante disso, concluímos que o presente trabalho correspondeu nossas expectativas e nos deu respostas a inúmeras curiosidades envolvendo a temática. Agora podemos entender que os surdos precisam alfabetizar-se primeiro na sua língua natural, a Libras, para posteriormente, começar a alfabetizar-se na segunda língua, o português.

THE PRACTICE OF READING WITH DEAF CHILDREN: THE THEORETICAL REFLECTION TO TEACHING SPEECH

ABSTRACT

This research aims to reflect on the process of teaching and learning to read in English for deaf children, to draw a historical and philosophical route on education of the deaf, thinking the place of reading in English for this audience, and finally describe and examine the position of teachers in the early years of elementary school forward to working with the reading in the Portuguese language for deaf children. The research was divided into two phases: documentation and case study. At first, it was seen that know the history of deaf education is important as it allows the teacher to tailor their practices and develop methodologies that can meet the needs of the deaf. The second time was up as informers seven professors of the initial series of Basic Education of Audiocomunicação School Demosthenes Cunha Lima. We used a questionnaire with six open issues and, after examining the replies of the teachers, it was seen that teaching reading to deaf people goes through the same steps as for hearing people, but the deaf can only evolve in this learning when it is already literate in sign language. The greatest difficulty faced by teachers is the lack of visual materials. Finally, we come to the conclusion that the teachers who work with deaf students need, in addition to master sign language and to use it in the classroom, know the specifics of deaf and develop methodological work with reading in Portuguese in second language teaching perspective.

Keywords: Deaf. Reading. Teaching / learning.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- DE LEMOS, C.T.G. Prefácio. In A. TEBEROSKY. **Psicopedagogia da linguagem escrita**. 9ª edição. Petrópolis, RJ.: Editora Vozes, 2001.
- FREIRE, P. – **A Importância do Ato De Ler** –. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GARCEZ, L.H. do C. **Técnica de Redação, o que é preciso saber para bem escrever**, São Paulo, 2001. In. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**/Heloisa Maria Moreira Lima Salles.. [ET al], - Brasília: MEC. SESP, 2004.
- GOLDFELD, M. **A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus Editora, 2001.
- GONÇALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora alea, 2003.
- KAUFMAN, A.M.; RODRIGUEZ, M.H. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre, RS.: ArtMed, 1995.
- KOCH, I.V. **O texto e a construção dos sentidos**. 5ª edição. São Paulo: Editora Contexto,
- LANE, H.; HOFFMEISTER, R.; BAHAN, B. **A journey into the Deaf-World**. California: DawnSign Press, 1996. In. **Leitura, escrita e surdez/ Secretaria de Educação, CENP/CAPE; org. Maria Cristina da Cunha Pereira – 2ed. São Paulo:FDE,2009**
- LODI, A. C. B. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Organizadoras, Ana Claudia B. Lodi, Ana Dorziat Barbosa de Mélo, Eulália Fernandes – Porto Alegre: Mediação, 2012.
- _____. **Leitura e escrita: no contexto da diversidade**. Ana Claudia B.Lodi, Kathryn Marie P. Harrison, Sandra Regina L.de Campos, orgs.- Porto Alegre: Mediação,2004.
- PEREIRA, M.C.C. Aquisição da língua portuguesa por aprendizes surdos. In: **Seminário Desafios para o próximo milênio**. Rio de Janeiro: INES, Divisão de Estudos e Pesquisas, 2000. p.95-100.
- PINO, A. **As marcas do humano: As origens da constituição natural da criança na perspectiva de Lev. S. Vigostski**. São Paulo: Cortez, 2005
- PEREIRA, M. C. C. P. **Discutindo a leitura de alunos surdos**. DERDIC-PUCSP.
- QUADROS, R. M. , Magali L.P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SALLES, [ET al], **Ensino de língua portuguesa para surdos : caminhos para praticas pedagógicas** - Brasília: MEC. SESP, 2004.2 v.: Il.._(Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos)

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Diretoria de Orientação Técnica. **Projeto Toda Força ao 1º Ano:** contemplando as especificidades dos alunos surdos / Secretaria Municipal de Educação. – São Paulo: SME / DOT, 2007.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6ª edição. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

STROBEL, K. L. A visão histórica da in (ex)clusão dos surdos nas escolas. In: Dossiê Grupo de Estudos e Subjetividades. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, p. 245-254, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.

SVARTHOLM, K. Second language learning in the Deaf. In: AHLGREN, I. & HYLSTENSTAM, K. (EDS.) **Bilingualism in deaf education**. Hamburg: Signum-Verlag, 1994, 61-70. In. Leitura, escrita e surdez/ Secretaria de Educação, CENP/CAPE; org. Maria Cristina da Cunha Pereira – 2ed. São Paulo:FDE,2009.

VASCONCELLOS, M.J.E. **Pensamento Sistêmico**. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO JUNTO ÀS PROFESSORAS DA EDAC

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

O presente questionário, destinado aos professores da Escola de Áudio Comunicação Demóstenes Cunha Lima, constitui-se como um instrumento de coleta de dados para a pesquisa de conclusão de curso da discente **Irenita Ferreira dos Reis**

Questionário:

- 1) Informe sua formação acadêmica:

- 2) O que é leitura para você?

- 3) Como você costuma trabalhar as atividades de leitura em Língua portuguesa com as crianças surdas?

- 4) Quais as condições necessárias para a realização da leitura em Língua portuguesa por crianças surdas?

- 5) Como se dá a relação entre a leitura em Língua portuguesa e a LIBRAS?

- 6) Aponte os limites, os desafios e as possibilidades do trabalho com a leitura para crianças surdas.

AGRADEÇO PELA COLABORAÇÃO